

A pequena Iugoslávia no Brasil: a etnografia de uma família

The little Yugoslavia in Brazil: the ethnography of a family

RAFAELA BARKAY

Graduada em Fonoaudiologia e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo; Doutoranda da área de Estudos Judaicos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

RESUMO Por meio de relatos de membros da família e de amigos próximos, além das minhas recordações de infância, pretendo, neste artigo, organizar alguns aspectos da memória de uma pequena comunidade judaica, de origem iugoslava, que se estabeleceu na cidade de São Paulo após a Segunda Guerra Mundial.

PALAVRAS-CHAVE Imigração judaica; Etnografia; Bálcãs.

ABSTRACT Through the reports of family members and close friends beside my childhood memories, I intend in this article to organize some aspects of the memory of a small jewish community from Yugoslavian origin who settled in São Paulo after the World War II.

KEYWORDS Jewish immigration; Ethnography; Balkans.

NAQUELAS OCASIÕES, O AMBIENTE ERA FESTIVO – ALGUNS CASAIS SE REUNIAM PARA o jogo de cartas, minha mãe e eu, ainda menina, nos juntávamos a eles para o jantar; meus tios e talvez os primos, não tenho bem certeza. A mesa farta, meu avô à cabeceira. Minha avó, que se encarregava da cozinha, entretinha os convidados e participava da jogatina. Não me lembro se, na ocasião, ela aceitava alguma ajuda; talvez permitisse que eu levasse alguns pratos sujos para a pia da cozinha. Preparava tudo na véspera, abrindo a massa folhada dos pastelões na mesa de apoio, cujo tampo ela mandara revestir com folha de flandres. A delicada massa crocante se desfazia em pequenos pedacinhos, os quais eu catava com a ponta dos dedos, para que nada me escapasse. Os recheios eram generosos e de sabores diversos. Gostava mais quando ela ainda usava pimenta nos pastelões de batata, sabor abandonado quando o estômago começou a anunciar um futuro mais dolorido. O *ajwar*,¹ que minha mãe copia até hoje e que, recentemente, ousei servir em um jantar entre amigos, é um dos sabores mais queridos que guardo da infância. A vitela, a língua de boi e o patê de fígado de galinha, que hoje seriam capazes de corromper meus hábitos vegetarianos, ninguém mais fez. Em seguida, vinham as frutas frescas, abundantes e suculentas, a compota e os pastelões doces, em geral de maçã ou uva preta, quando era época – estes tinham que ser comidos com colher, dada a sua delicadeza. O *baklaba* ela preparava somente em família,² originalmente para os aniversários de meu avô. A massa deveria ser fina e transparente, mais que uma folha de papel – dizia-me ela, estendendo-a contra a luz.

Ali se falava iugoslavo, que eu aprendi um pouco de ouvido, sem nunca ter sido capaz de formar uma frase sequer, mas conseguia compreender quando os adultos se ocultavam pela língua para que as crianças não os entendessem. De alguma forma, minha invisibilidade naquelas noites me permitia desfrutar da posição de observador, que eu alegremente ocupava juntando-me à mesa de jogo das mulheres e permitindo-me que lhes conhecesse as mãos de cartas.

Tal atmosfera se repetia nos jantares de *Pes-sach*,³ quando nos juntávamos a tio Miko, tia Erdogna Salaru e aos seus. Ele, de alguma forma nunca compreendida ao certo por mim, era primo de meu avô. Sempre com seu sorriso largo, fabricava *lingerie* de malha de algodão, que as mulheres da família usaram por anos. Ela, sempre impecável e generosa, preparava aqueles mesmos sabores que eu conheci em casa. Pouco me lembro da leitura da *hagadá*,⁴ mas a imagem de meu avô repetindo todos os anos uma expressão que ele cunhara – “*curtovitch*”, sugerindo que se abreviasse o relato – me faz sorrir até hoje, quando acompanho a exaustiva narrativa da saída do Egito.

Uma de minhas colegas de escola era neta de um dos casais da jogatina, os Papescu, que tinha uma loja de saldos na rua Vinte e Cinco de Março, em São Paulo, famosa pelo comércio popular. Era ali que minha mãe estava quando recebeu a notícia do falecimento de meu avô. Outros três casais, os Weiss, os Caruso e os Mautner, compunham nossa pequena comunidade iugoslava mais próxima.

A fim de recriar a trajetória dessas famílias, me propus a entrevistar os filhos e filhas desses casais, uma vez que todos esses senhores já se foram, tendo sido a Sra. Papescu a última a nos deixar, em 2012, aos 99 anos de idade. Ao sabor da memória, a ideia é reconstruir algo da história dessa pequena Iugoslávia brasileira. Utilizarei os termos iu-

goslavo para o idioma e Iugoslávia para o país, uma vez que se trata de eventos ocorridos antes de sua dissolução, e por ser dessa forma que esses atores se referiam a sua língua-mãe e a sua terra natal.

A respeito da memória, Bosi afirma que “sua função é o conhecimento do passado, que se organiza, ordena o tempo, organiza cronologicamente [...] e que o passado revelado deste modo, não é o antecedente do presente, é a sua fonte.” (BOSI, 2010, p. 89). “Por muito que se deva à memória coletiva” – diz a autora – “é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode obter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 2010, p. 411).

A história oral tem se mostrado uma importante ferramenta para a construção do conhecimento, conferindo-lhe densidade e textura. A narrativa da trajetória dessas famílias, descritas por seus personagens, permite que se transite pelos detalhes invisíveis a quem não a testemunhou. Como pesquisadora, a proximidade com os entrevistados permite-me experienciar a construção de minha própria memória e me colocar também como personagem da história. Como Waterston e Rylko-Bauer salientam:

[...] existe uma longa tradição na antropologia em se usar a experiência pessoal como ímpeto para se estudar um determinado assunto ou incorporar de fato estas experiências no processo de pesquisa e análise, e o trabalho pode variar em gêneros relacionados e sobrepostos: história de vida, biografia cultural, memória, autoetnografia e narrativa pessoal. (WATERSTON; RYLKO-BAUER, 2006, p. 405).

Se, como afirmam esses autores, “a antropologia nos leva a examinar as múltiplas conexões entre

as histórias individuais e a história maior, e nós usamos a disciplina como o nosso guia para a compreensão de como as forças sociais tomam corpo como experiências individuais” (WATERSTON; RYLKO-BAUER, 2006, p. 409), Descartes afirma que “a pesquisa etnográfica trouxe ao trabalho e à literatura da família uma noção em primeira pessoa de como as famílias se comportam em sua vida diária.” (DESCARTES, 2007, p. 26).

A primeira que entrevistei foi minha tia. Por talento e gosto, sempre foi a depositária de nossas lembranças. É ela quem se recorda das histórias e confere sentido à preservação de fotografias e objetos. Após o falecimento de minha avó, os tapetes, móveis, louças e cristais, além de alguns objetos pessoais, foram distribuídos entre as mulheres da família, de alguma maneira, perpetuando sua presença, um pouco aqui, um pouco ali, e semeando uma memória comum.

Meus avós, minha tia e minha mãe chegaram ao Brasil em 1947. Durante a Segunda Guerra Mundial, escaparam a tempo de Sarajevo, na atual Bósnia e Herzegovina, fugiram para Split e, em seguida, refugiaram-se em Kastel Stafilic, ambas na Dalmácia, região que na época era ocupada pelos italianos. De lá, foram levados para a Itália, onde passaram cinco anos. Primeiro, ficaram retidos ao norte, em Castelnuovo don Bosco, depois foram levados para o sul, para o campo de concentração de Ferramonti. A ajuda concedida pelos italianos lhes salvou a vida. Após a liberação do campo de Ferramonti, passaram por Bari e Palermo e, com o final da guerra, terminaram por se estabelecer em Roma, antes da emigração para o Brasil. O sentimento de gratidão para com o povo italiano perdura até hoje. Como me relatou minha tia:

Para mim, italiano é um povo que eu adoro, eu tenho uma admiração muito grande. Realmente,

eles nos salvaram a vida, e não podemos falar nada. Eu sei que teve (*sic*) problemas com outros judeus, os italianos, mas nós, os prisioneiros, não podemos falar nada.⁵

Na segunda entrevista, a sensação que tinha era a de escutar uma outra versão da mesma história, tão poucos os elementos que a diferenciavam da primeira. Os Mautner eram de Zagreb, onde viviam confortavelmente, perfeitamente integrados à vida secular. O pai era publicitário e também correspondente de um jornal alemão. Maya, a filha mais velha, desde cedo uma apaixonada por línguas, foi quem me relatou a trajetória da família. Fugindo pela Eslovênia, onde tinham conhecidos, chegaram à Itália. Também rumaram para o sul até Bari, local em que passaram por um campo de refugiados. Maya me recebeu para a entrevista como se eu fosse membro de sua família e, conforme narrava os passos percorridos, o sentimento de entrelaçamento de nossas histórias era inevitável. Maya me contou:

Como eles fizeram isto, eu não sei, mas conheceram um capitão italiano, fascista, mas italiano, com um coração deste tamanho, que fazia viagens de caminhão, de Lubiana para Zagreb, para pegar mantimentos, principalmente galinhas. Então, numa dessas viagens, eu fui escondida no meio das galinhas. Ele também transportou minha tia e meus primos e mais um tio. Nunca aceitou nada, não era pelo dinheiro que ele fez isso. [...] Os italianos salvaram nossa vida.⁶

Os Papescu eram de Sarajevo e foram morar em Belgrado, logo após seu casamento, local em que o Sr. Menachem abriu uma livraria e distribuidora de livros. Como me relatou seu filho Jacques, dois dias antes da chegada dos alemães eles fugiram para Sarajevo. Conseguiram chegar até

Split e, em seguida, por dois anos ficaram internados na ilha de Vela Luka, sob o domínio italiano, onde se encontravam cerca de duzentos judeus, dentre os quais o Sr. e Sra. Salaru, originalmente Salom. Com a chegada dos *partisans*,⁷ conseguiram um barco e atravessaram, durante a noite, para Bari, na Itália. Passaram por Palermo e Roma e aguardaram a emigração para o Brasil, em 1948.

Conforme dados do Shoah Resource Center, de Israel, durante o governo italiano foram recebidos 3.800 judeus estrangeiros na Dalmácia. Muitos vieram da Bósnia e Herzegovina, da Croácia e da Sérvia, além de haver também alemães, austríacos e poloneses. Essa população foi, gradualmente, removida e internada na Itália. No início de janeiro de 1941, as transferências tiveram de ser suspensas, devido à superlotação das cidades e dos campos italianos (YUGOSLAVIA).

Segundo Campagno, na Itália,

[...] havia campos de várias categorias, como os de prisioneiros de guerra, organizados de modo militar; os de concentração, que limitavam a liberdade individual e cujos prisioneiros haviam sido detidos tanto por motivos políticos, quanto por estarem incluídos nas leis raciais, e, finalmente, a internação livre que consistia na prisão domiciliar (CAMPAGNANO, 2007, p. 160).

Ainda conforme o Shoah Resource Center, o destino dos judeus italianos e estrangeiros foi diferente ao norte e ao sul da linha de frente. As regiões do sul e as ilhas foram um território seguro para os judeus até outubro de 1943, quando 1.500 judeus estrangeiros, até então presos em Ferramonti, foram libertados. Ao norte, no entanto, mais de 20% da população judaica foi presa em campos de concentração e deportada para campos de extermínio nazistas (ITALY).

Enquanto o relato de minha tia sugeria um certo encantamento de menina, Maya, com treze anos à época, já demonstrava maior consciência da juventude roubada pela guerra. Minha tia, como que descrevendo uma grande aventura, me contou: “no começo, ficamos num castelo enorme, frio, gelado, horrível, mas, criança é criança. Nós ficamos procurando os caminhos secretos do castelo. No fim, não achamos caminhos secretos, provavelmente tinha, mas nós não achamos”.

Em certo momento da entrevista com Maya, no entanto, como que reconhecendo um tesouro guardado, lágrimas brotaram não somente nos seus olhos, mas também nos meus. O reconhecimento de pertencimento a um povo tinha a força da diluição do desterro. E me contou:

Daí, essa turma da [brigada] Palestina, se afeiçoou muito a meus pais [...] e eles foram enviados mais para o norte, [...] e fomos atrás também, porque nada nos segurava. [...] Foi fantástico isso daqui: meu irmão completou treze anos. Eles prepararam ele e fizeram o seu bar-mitzvá.⁶

Eu não poderia deixar de me recordar do relato de minha tia, descrevendo a chegada desta mesma brigada no campo de Ferramonti:

Bom, aí, abriram os portões, eram os ingleses que nos liberaram e, junto com eles, veio uma brigada, não sei como chama, de palestinos, judeus. E quando eles viram que nós éramos judeus, eles nos puseram nos caminhões deles, levaram pra passear, nós cantávamos com eles todas as músicas judaicas, sabíamos todas as músicas e cantávamos com eles. Foi tão bonito isso...

Waterston e Rylko-Bauer relatam que “no pós-guerra, muitos judeus se tornaram ‘pessoas des-

locadas', incapazes ou sem vontade de regressar aos seus países de origem, onde enfrentaram memórias dolorosas, comunidades dizimadas, e mais perseguição por causa do contínuo anti-semitismo" (WATERSTON; RYLKO-BAUER, 2006, p. 403).

Carneiro, por sua vez, sustenta que por meio da análise da documentação diplomática dos países sul-americanos "[...] fica evidente que vários governos valeram-se de critérios racistas para indeferir vistos aos judeus expulsos da Alemanha, Áustria, Polônia, Tchecoslováquia e demais países ocupados" (CARNEIRO, 2009, p. 6). No entanto, Cytrynowicz argumenta que

[no Brasil] embora o discurso oficial entre 1937 e 1945 fosse próximo ao fascismo, a sociedade não acompanhou esta direção, a cultura oficial não suplantou a cultura popular e a mobilização patriótica não arregimentou a população, nem mesmo durante a guerra (CYTRYNOWICZ, 2002, p. 394).

Como descreve Levine,

A comunidade judaica [brasileira] do pós-guerra permaneceu quase que inteiramente urbana. [...] De 1946 a 1958, 35.000 [...] judeus chegaram ao Brasil. [...] A maioria dos judeus brasileiros hoje compartilha o conservadorismo político das classes média e alta à qual aderiram, [com a] falta de integração social completa caracterizado por escolas separadas, clubes, empresas, organizações e grupos sociais. [...] A comunidade judaica brasileira está prosperando e se movendo em direção a uma perspectiva interna mais tolerante e o estabelecimento de novas condições para a assimilação (LEVINE, 1968, p. 56-58).

Jacques me relatou sobre a chegada ao Brasil:

Nós viemos com a ajuda da UNRRA⁸, de Roma para cá. No Rio [de Janeiro] nos colocaram em um trem e nos colocaram em um hotel na Rua Florêncio de Abreu, no centro. Depois, arrumaram para a gente uma casa, serviram de fiadores, nos ajudaram, ajudaram mesmo. Ficamos dois anos lá.⁹

Como tantos outros imigrantes em um país em construção, meus avós trabalharam duro. Impedido de exercer no Brasil a carreira médica que durante a guerra garantira o sustento da família, meu avô abriu um laboratório farmacêutico. Mais tarde, enveredaria pelo ramo da construção civil. Assim como as outras famílias entrevistadas, a nossa cresceu e quase todos os membros, a exemplo de meu avô, dedicaram-se a atividades comunitárias. Todas as pessoas da segunda e terceira gerações estudaram em escolas judaicas, participaram de movimentos juvenis e se graduaram em diversas áreas. Os mais novos desconhecem os antigos sabores e já não identificam o idioma das gerações passadas. Sua memória afetiva é outra, no entanto reconhecem-se como brasileiros e judeus, andam livremente pelas ruas, fazem suas escolhas pessoais e sentem-se conectados ao Estado de Israel. Não se veem como estrangeiros, tampouco como uma minoria discriminada. Se existe um saldo da história, ele é positivo: sobrevivemos.

NOTAS

1 Salada bem temperada, preparada com berinjela e pimentões, os quais são moídos no moedor de carne.

2 Também conhecido como baklava ou baklawa, doce elaborado com uma pasta de nozes trituradas envolvida em massa filo e banhada em xarope ou mel, geralmente servido como sobremesa nos países que fizeram parte do antigo Império Otomano.

3 Páscoa judaica.

4 Livro que contém o relato da saída dos judeus do Egito, lido durante o jantar de ritual da Páscoa.

5 Entrevista concedida a Rafaela Barkay por Ruth Sprung Tarasantchi, em 11 out. 2012.

6 Entrevista concedida a Rafaela Barkay por Maya Schaffer, em 06 maio 2013.

7 Movimentos de resistência à dominação alemã durante a Segunda Guerra Mundial.

8 A Administração das Nações Unidas para Auxílio e Reabilitação (UNRRA) foi uma instituição das Nações Unidas que existiu de 1943 a 1947, cuja principal função era ajudar na repatriação de pessoas deslocadas pela Segunda Guerra Mundial.

9 Entrevista concedida a Rafaela Barkay por Jacques Papescu, em 25 maio 2013.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. A atenção em Simone Weil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642003000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 nov. 2012.

CAMPAGNANO, A. R.; PETRAGNANI, S. *A milenária presença dos judeus na Itália: resgatando a memória da imigração dos judeus italianos no Brasil (1938-1941)*. São Paulo: Ateneu, 2007.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Brasil diante dos refugiados do holocausto: antissemitismo e mitos políticos, 1933-1945. *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA)*, Rio de Janeiro, p. 1-19, 2009.

CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 393-423, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 maio 2013.

DECOL, René D. Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 16, n. 46, p. 147-160, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a08v1646.pdf>>. Acesso em 20. maio 2013.

DESCARTES, L. Rewards and Challenges of Using Ethnography in Family Research. *Family and Consumer Sciences Research Journal*. Connecticut, v. 36, n. 1, p. 22-39, 2007. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1177/1077727X07303488/references>>. Acesso em 07 maio 2013.

ITALY. *Historical Background*. Shoah Resource Center, The International School for Holocaust Studies. Disponível em: <http://www1.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word-6335.pdf> Acesso em 05 nov. 2012.

LEVINE, R. M. Brazil's Jews during the Vargas Era and After. *Luso-Brazilian Review*, Madison: University of Wisconsin Press, v. 5, n. 1, p. 45-58, 1968. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3512913>>. Acesso em 09 maio 2013.

WATERSTON, A.; RYLKO-BAUER, B. Out of the shadows of history and memory: personal family narratives in ethnographies of rediscovery. *American Ethnologist*, Michigan, v. 33, n. 3, p. 397-412, 2006. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/ae.2006.33.3.397/abstract>>. Acesso em 07 maio 2013.

YUGOSLAVIA. *Historical Background*. Shoah Resource Center, The International School for Holocaust Studies. Disponível em: <http://www1.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206379.pdf>. Acesso em 5 nov. 2012.

Recebido em 03/11/2015

Aceito em 26/01/2016